

TELEFONE PORTÁTIL

Fernando Alves — A partir de hoje, sempre aos sábados a esta hora, cabe-me confrontar o professor Carlos Amaral Dias, aqui à minha frente, com os sinais vadios e as marcas impressivas do tempo que passa, do tempo que flui. Porque passamos pelos dias e ficamos diante desses pequenos restos... posso dizer pequenas sobras, professor?

Carlos Amaral Dias — Claro que sim.

F.A. — Pequenas sobras. Pequenos segredos, também?

C.A.D. — Também pequenos segredos.

F.A. — E podíamos chamar a isso talvez uma espécie de lugares do mundo ainda inacabados?

C.A.D. — Também podemos chamar.

F.A. — Passamos por esses sinais sem os vermos, muitas vezes, e isso equivale a dizer que passamos pelos dias sem os vermos. Bate certo?

C.A.D. — Absolutamente certo. E estou inteiramente de acordo com a sua proposta.

F.A. — Olá professor Carlos Amaral Dias. A partir de uma história ou dos fragmentos soltos de uma história que quase nunca dá manchete no jornal — talvez valha a pena depois tentarmos perceber por que é que são essas as histórias que às ve-

zes nos atraem mais — a partir de uma história dessas trataremos então de dar nome ao que vem à tona e ao que fica submerso na espuma dos dias. Isto introduz a explicação, se é que ela é necessária, do nome que escolhemos para este nosso encontro semanal.

C.A.D. — É verdade. Acho que o que iremos tentar é justamente fazer emergir aquilo que de alguma forma está latente no discurso dos homens e na prática dos humanos e que muitas vezes, conforme você disse, não parece merecer a atenção da comunicação, talvez porque aí se encontre muitas vezes o que há de mais radicalmente humano...

F.A. — É aí que está aquilo que queima?

C.A.D. — É. O que há de mais brutal no homem, o que há de mais extraordinário e que resulta da sua condição humana e da sua precaridade como humano.

F.A. — Já lhe disse boa tarde?

C.A.D. — Já me disse boa tarde.

F.A. — Proponho então para esta nossa primeira conversa um «fait divers» perdido esta semana no frenesim das agências. Vi esta notícia pelo menos em dois jornais. Trata-se da notícia da criação de uma agência chamada «Rent a Call», uma agência numa cidade alemã, na cidade de Frankfurt. A agência presta serviços que francamente não imaginava que fossem já prestados. Serviços inestimáveis a criaturas que possuem telefone portátil, como o professor possui...

C.A.D. — Possuo, possuo...

F.A. — ...e não têm a felicidade de serem solicitadas com muita frequência. Mediante uma pequena taxa a empresa garante a elevação social da imagem do utente do telefone portátil. Se me permite, vou ler apenas uma declaração do jovem empresário, uma criatura com vinte e nove anos. Ele diz: «se uma pessoa tem de interromper várias vezes o seu jogo de ténis para responder a chamadas telefónicas, a sua imagem social sobe imediatamente junto do seu adversário, dos amigos presentes e do eventual público.» Isto é apenas um «fait divers» ou é mais do que isso?

C.A.D. — Em primeiro lugar eu gostaria de dizer que a caricatura é como o sintoma. O sintoma retrata no sujeito individual o seu conflito interno. Por exemplo, um sintoma vulgar como o medo, de alguma forma é duas coisas: é o medo que faz parte do próprio homem, da condição humana, mas é o medo daquela pessoa e retrata a relação daquela pessoa com o mundo e a maneira como ela vive o mundo. Ela vive o mundo através do medo.

F.A. — Isso aplica-se a esta história?

C.A.D. — Penso que se aplica a esta história noutra contexto, no sentido de que esta história é um sintoma, é um sintoma de um funcionamento social e é um sintoma, penso eu, do que poderíamos chamar um grande teatro do fim de século. E julgo que evidentemente todos os séculos, todos os tempos, produzem o seu teatro, as suas máscaras, porque o humano é sempre uma máscara.

F.A. — A mais pura espontaneidade é sempre encenada de alguma maneira.

C.A.D. — É sempre encenada. Mas a questão é onde nos colocamos e onde colocamos a nossa relação com o outro. Esta notícia retrata e reflecte de uma forma extrema um conflito do nosso tempo, que é um conflito, diria, entre o sujeito ele mesmo e aquilo que poderia chamar o mundo dos espelhos que o rodeia. É como se esta notícia nos dissesse que o sujeito hoje se afirma não só através dos objectos que possui, mas como se esses objectos falassem por ele.

F.A. — São sinais exteriores de quê, neste caso?

C.A.D. — Já não é um sinal de riqueza, não se trata disso...

F.A. — Mas também não é nenhum sinal de miséria.

C.A.D. — É. É um sinal da miséria imaginária, da miséria interna das pessoas porque coloca a importância do humano, numa importância que tem um nome, é um palavrão, eu sei que é um palavrão, mas este palavrão tem que ser dito. É um palavrão científico, eu vou explicá-lo: eu diria que coloca a condição humana na miséria do narcisismo. Porque há o narcisismo rico... a história do Narciso se me permitisse, eu contava-a assim em

breves minutos, no mais curto espaço de tempo que puder. Trata-se da história de um sujeito que se vê a si próprio reflectido na água do rio e se apaixona pela sua própria imagem. A questão é que quem se apaixona por ele é Eco, o que é extraordinário, ou seja, é alguém que o repete. A paixão que Narciso suscita é uma paixão por ele próprio e finalmente alguém que ao apaixonar-se por ele apenas vai repetir o seu próprio nome e daí a ideia de que Eco repete. Esta história a meu ver é uma história narcísica no pior sentido do termo porque é como um sujeito que se reflecte imaginariamente no outro, ou seja, que se propõe através de um sinal externo como uma afirmação e um poder ou de uma importância que lhe é dada através de um instrumento acessório, mas que também ao mesmo tempo se repete porque se não fosse repetição não haveria sucesso algum nesta proposta.

F.A. — Pode tratar-se apenas de uma composição da imagem e nesse sentido já é também uma composição da imagem de um poder assumido?

C.A.D. — Pois, mas a questão é o eco. Repare, o que eu quero dizer com isto é que Eco são, em primeiro lugar, todos os que vão aderir a este processo e todos aqueles que aderem imaginariamente, ou seja, todos aqueles que em espelho vão achar que o sujeito é importante. O eco é dado pela repetição imaginada, porque um indivíduo que cria esta empresa com certeza que supõe que vai haver muita gente a aderir a um projecto desta natureza...

F.A. — Diz ele que isto é melhor do que jogar na Bolsa!

C.A.D. — É bem possível, é bem possível. Não me surpreende. E por outro lado este eco é de facto o eco social que a tal proposta produz, na medida em que corresponde a um imaginário colectivo — e nesse sentido se pode falar de culpa do sintoma. É impossível uma pessoa propor ou pensar uma coisa destas se ela não estiver latente numa cultura. Há muitas pessoas que têm tendência a pensar que somos nós que pensamos os pensamentos. Eu tenho tendência a pensar exactamente o contrário: que os pensamentos é que procuram os pensadores.

F.A. — Os pensamentos é que nos pensam?

C.A.D. — De certa forma.

F.A. — Como no sentido em que o Borges dizia que o sonho é que nos sonha?

C.A.D. — De certa forma. Não diria de certa forma. Eu diria que é mesmo assim. E portanto não penso que o empresário que propôs esta empresa tenha criado um pensamento. Ele foi procurado por um pensamento que está latente na cultura, o que levanta também outras questões. Em que medida é que hoje em dia os serviços, este sector extraordinário que é a área terciária, não é pura e simplesmente uma sujeição do homem — se me permite esta radicalidade, acho que me permite todas as radicalidades aqui — à terciarização do imaginário? Porque no momento em que alguém supõe que a sua importância se faz através de um objecto externo desta natureza, há uma questão que se coloca: onde está a sua verdadeira importância? Onde está a condição humana? Onde é que está o homem? É como se o sujeito se perdesse nele mesmo no momento exacto em que se afirma através de um instrumento que o chama.

F.A. — É como se descentrasse a sua própria alma?

C.A.D. — De certa maneira é como se ninguém o chamasse porque não houvesse apelo algum que não fosse aquele. É como se ele não pudesse existir fora de um cenário que é o cenário de uma importância que, como aliás é dito na notícia — você sublinhou — é a importância social do sujeito, a sua imagem social. Repare que nos deparamos aqui com uma situação extrema: é que o indivíduo é a sua imagem social. Ora, a pessoa nunca foi ou nunca poderá ser confundida, ou não deve ser confundida com o fato que veste. Por exemplo, o Fernando é um homem que veste de uma maneira, diria, bastante diferente da minha...

F.A. — Peço-lhe então que explique como é que eu visto.

C.A.D. — Não, não explico. E também não explico como é que eu visto. Isso deixaremos ao imaginário dos ouvintes. Em todo o caso há uma coisa que é óbvia e foi por causa disso que resultou este...